



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO NA DINÂMICA FAMILIAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Luci Souza de Meneses¹
Lucília Maria da Silva Soares²
Betijane Soares de Barros³

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista cada vez mais tem despertado interesse no campo da saúde mental, uma vez que se percebeu a necessidade de compreendê-lo, diagnosticando-o precocemente, a fim de desenvolver intervenções eficazes para melhorar a qualidade de vida das pessoas afetadas. Com isso, o presente artigo se inseriu nesse contexto com o objetivo de evidenciar o impacto do autismo na dinâmica familiar. Para tanto foi adotada uma abordagem exploratória qualitativa, fundamentada em revisão integrativa da literatura. A análise dos dados obtidos resultou na elaboração de duas categorias principais: (1) "Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Necessidade de Apoio", que examina as mudanças na estrutura familiar e nas relações interpessoais, bem como a demanda por suporte emocional e psicológico; e (2) "Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA", que explora as estratégias desenvolvidas pelas famílias para enfrentar os desafios e promover o bemestar diante do diagnóstico. Desse modo, este estudo contribui para um entendimento mais profundo acerca do impacto do TEA na dinâmica familiar, ressaltando a importância de abordagens sensíveis e de suporte multidimensional. A atuação do psicólogo emerge como um pilar fundamental para auxiliar as famílias a lidar com os desafios do autismo. Além disso, o delineamento das categorias ressalta a complexidade desse cenário e a necessidade de intervenções que considerem suas múltiplas dimensões. Futuras pesquisas devem continuar explorando esse tema, considerando as diferentes características culturais, etárias e socioeconômicas que permeiam as famílias impactadas pelo TEA.

Palavras chave: Transtorno do Espectro Autista; dinâmica familiar; impacto; apoio psicológico, resiliência.

¹ E-mail: lucimeneses2@gmail.com

² E-mail: luciliaglp@bol.com.br

³ E-mail: bj-sb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem recebido crescente atenção tanto no âmbito científico quanto na sociedade em geral. A compreensão do impacto desse diagnóstico na dinâmica familiar tornou-se uma preocupação central, dada a complexidade das implicações do TEA não apenas para o indivíduo diagnosticado, mas também para suas famílias.

O desafio de compreender e gerenciar as repercussões do autismo nas relações familiares motivou a presente pesquisa, que adotou uma abordagem exploratória qualitativa, fundamentada em uma revisão integrativa da literatura. Assim, objetiva-se com esse estudo evidenciar o impacto do autismo na dinâmica familiar, compreendendo as implicações psicológicas, emocionais e práticas que surgem a partir do diagnóstico do TEA.

Para alcançar essa meta, foram delineados objetivos específicos que buscam analisar o impacto do diagnóstico do TEA na estrutura familiar e nas relações interpessoais, identificar as necessidades de apoio tanto para o indivíduo autista quanto para os membros da família, avaliar a resiliência e a capacidade de adaptação familiar diante desse cenário e discutir o papel crucial do psicólogo no contexto da

dinâmica familiar afetada pelo autismo. Para tanto a presente pesquisa adotou uma abordagem exploratória qualitativa, realizando uma revisão integrativa.

O autismo, como condição multifacetada, manifesta-se de maneiras variadas, o que exige uma compreensão aprofundada de como suas implicações reverberam no núcleo familiar. Ao explorar o impacto do TEA na dinâmica familiar, este estudo visa contribuir para um melhor entendimento dos desafios e das estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelas famílias. Essa compreensão é essencial para a concepção de intervenções psicossociais mais eficazes, que possam oferecer suporte integral às famílias afetadas pelo autismo.

Diante disso, espera-se contribuir para o aprimoramento das práticas de apoio e intervenção direcionadas a famílias que enfrentam os desafios do autismo. Além disso, destaca-se a relevância de futuras investigações que explorem ainda mais a complexidade desse fenômeno, considerando suas nuances em diferentes contextos culturais, etários e socioeconômicos.

METODOLOGIA

O estudo da temática abordada permite evidenciar o impacto do diagnóstico de autismo na dinâmica

familiar. Nesse contexto, a presente pesquisa adotou uma abordagem exploratória qualitativa, realizando uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de identificar e analisar as produções científicas relacionadas ao tema, abrangendo o período de 2018 a 2023.

A escolha dessa metodologia permitiu a análise e síntese de dados provenientes de estudos anteriores, enriquecendo a compreensão sobre o assunto em questão. Com base nos objetivos delineados, optou-se pela abordagem exploratória, que, conforme Gil

(2002), oferece uma compreensão mais aprofundada do tema e auxilia na explicitação de conceitos ou no desenvolvimento de hipóteses. Para conduzir essa revisão, foram seguidas as etapas recomendadas por Ganong (2011, apud MORAES; BARRETO, 2016), que incluem a definição da temática, a seleção de artigos, a determinação das informações a serem extraídas, a avaliação dos estudos incluídos, a interpretação dos dados e a apresentação da revisão, como ilustrado no quadro 1 e detalhado a seguir.

Quadro 1 – Detalhamento das etapas da Revisão Integrativa de Literatura

ETAPA	TÓPICOS DE CADA ETAPA	DETALHAMENTO DE CADA TÓPICO
1ª	Objetivo geral	Evidenciar o impacto do autismo na dinâmica familiar.
	Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar como o diagnóstico do TEA afeta a estrutura e as relações familiares, considerando os desafios emocionais e práticos enfrentados pelos membros da família. - Identificar as necessidades de apoio emocional e psicológico para as famílias que convivem com o autismo, tanto para o indivíduo diagnosticado quanto para os demais membros familiares, destacando a atuação do psicólogo como mediador desse processo de suporte. - Avaliar a resiliência e a capacidade de adaptação das famílias diante do diagnóstico do autismo, investigando as estratégias desenvolvidas para enfrentar os obstáculos e promover o bemestar familiar
	Estratégias de busca	Cruzamento de descritores por meio do operador booleano AND; Uso de aspas nos politermos (descriptor com mais de um termo) para que a varredura de artigos científicos contemplasse o termo exato; Uso de filtro do tipo data de publicação.
	Descritores	"impacto", "diagnóstico", "autismo", "dinâmica familiar", "família" e "transtorno do espectro autista".
	Bases de dados online e motores de busca	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO); Google Acadêmico.
	Critérios de inclusão	Texto completo (disponível/free) do tipo: artigo original, artigo de revisão, artigo na imprensa. Publicações realizadas entre 2018 e 2023.

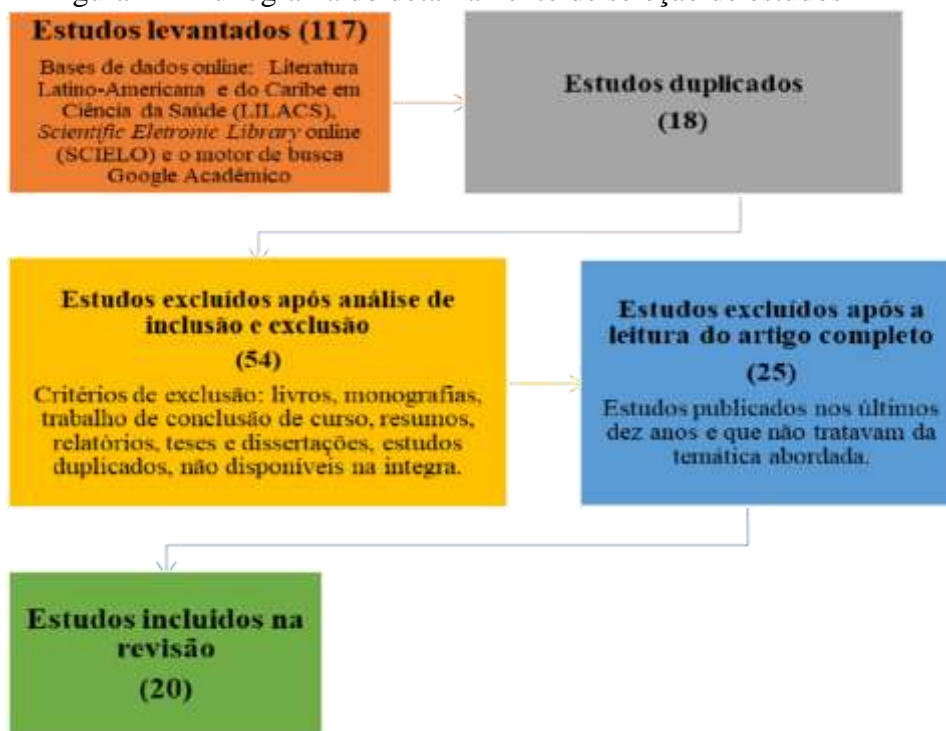
2ª	Critérios de exclusão	Livros, monografias, Trabalho de Conclusão de Curso, Resumos, Relatórios, Teses e Dissertações. Estudos duplicados, não disponíveis na íntegra, publicados nos últimos dez anos e que não tratavam da temática abordada.
3ª	Número de estudos selecionados	20 Estudos
	Avaliação dos estudos incluídos na revisão	Realização da análise de conteúdo segundo Bardin (2011): 1ª fase: pré-análise; 2ª fase: exploração do material; 3ª fase: tratamento dos resultados
4ª	Categorias obtidas com a análise de conteúdo	- Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Necessidade de Apoio; - Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA
5ª	Interpretação/discussão dos resultados	Ver em "Resultados e Discussão"
6ª	Tecnologias digitais utilizadas	WordArt: Nuvem de palavras Disponível em: https://wordart.com/

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No quadro 1, a temática foi estabelecida como "Autismo infantil: a importância da intervenção precoce no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)". A seleção dos artigos foi realizada por meio de bases de dados online, como a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), a Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o Google Acadêmico. A fim de mitigar possíveis vieses, foram empregados termos descritivos abrangentes, como "impacto", "diagnóstico", "autismo", "dinâmica familiar", "família" e "transtorno do

espectro autista". Para assegurar a qualidade e relevância dos estudos incluídos, foram estabelecidos critérios claros de inclusão: os artigos deveriam estar em português, publicados entre 2015 e 2023, com resumos disponíveis nas bases de dados mencionadas e apresentar abordagens metodológicas que tratam do tema em questão. Foram excluídos livros, monografias, trabalhos de conclusão de curso, resumos, relatórios, teses e dissertações, bem como estudos duplicados, indisponíveis na íntegra, publicados nos últimos dez anos e que não estivessem alinhados à temática em análise.

Figura 1 – Fluxograma do detalhamento de seleção de estudos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir desses critérios, foram selecionados 20 estudos que passaram por um processo de análise de conteúdo composto por três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise envolveu uma leitura inicial dos estudos escolhidos, na qual foram identificados os indicadores interpretativos com base no conteúdo dos artigos. Na etapa de exploração do material, foram identificados temas e palavras recorrentes nos estudos, permitindo a definição de categorias iniciais e a subsequente codificação, classificação e categorização dos dados.

A terceira fase envolveu o tratamento dos resultados por meio de inferência e interpretação dos dados, que

será detalhadamente discutida na seção "Resultados e Discussões", de acordo com as categorias definidas (BARDIN, 2011). Portanto, é possível afirmar que essa abordagem metodológica foi selecionada devido à sua capacidade de fornecer insights significativos aos profissionais da psicologia, ampliando a compreensão da temática e contribuindo para a formação de uma visão abrangente e fundamentada sobre o assunto em análise.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O Transtorno do Espectro Autista: Definição e Contexto Histórico

A nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi empregada pela

primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939), em 1911, para descrever um fenômeno conhecido como "fuga da realidade" e o retraimento de adultos esquizofrênicos para um mundo interior. A palavra "autismo" tem origem grega (autós) e significa "por si mesmo". O termo foi introduzido por Bleuler na psiquiatria para referir-se a comportamentos humanos que se concentram no próprio indivíduo (ORRÚ, 2012, p. 17).

De acordo com Souza e Ruela (2022), no final do século XVII, o termo "autismo" não era utilizado, já que estava associado aos campos da esquizofrenia. A primeira vez que foi estudado foi em 1801 pelo médico francês Jean Marc Itard (1774-1838), que examinou o caso de um jovem encontrado em uma floresta francesa. Esse jovem, nomeado por Itard como Victor, aparentava ter entre 12 e 15 anos e apresentava sintomas de isolamento social, dificuldades de comunicação e relacionamento social.

Naquela época, os autistas eram frequentemente confundidos com esquizofrênicos e, na maioria dos casos, eram encaminhados a hospícios junto com os demais pacientes mentais. Ferrari (2012) relata que o jovem capturado, chamado Victor, estava sem vestimentas, se movimentava como um quadrúpede e

balançava-se constantemente. Ele parecia indiferente a tudo e não demonstrava qualquer tipo de afeto. Philippe Pinel (1745-1826), um psiquiatra renomado da época, e outros médicos acreditavam que Victor deveria ser internado em um hospício. Itard, no entanto, percebeu que o estranho estado do garoto estava relacionado à privação do contato social (BANKS-LEITE; GALVÃO; DAINEZ, 2017).

Itard acreditava na educabilidade de Victor e desenvolveu um projeto pedagógico que buscava mudar a situação desvantajosa em que o menino se encontrava. O relacionamento entre Itard e Victor foi intenso, e as lições aprendidas durante essa experiência ainda são relevantes hoje. Itard percebeu que o desafio do professor era criar ambientes de aprendizagem que promovessem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o crescimento emocional e comportamental (CORDEIRO; ANTUNES, 2020). No entanto, apesar dos esforços, o resultado não foi considerado totalmente bem-sucedido, pois Victor não conseguiu acessar a dimensão simbólica da linguagem e permaneceu em grande parte mudo. Essa experiência marcou um ponto crucial na história da educação especial, impulsionando a criação de várias iniciativas de inclusão de pessoas com

deficiência em todo o mundo. Itard ficou conhecido por desenvolver o primeiro programa sistemático de educação especial e por seu papel na reabilitação e tentativa de educação de Victor de Aveyron (FREIRE, 2017).

Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner apresentou uma descrição mais definida do autismo infantil após observar 11 crianças entre 2 e 8 anos. Ele cunhou o termo "autismo infantil precoce" para caracterizar esse distúrbio, definindo-o como uma "inabilidade inata de relacionar-se afetivamente com outras pessoas" (KAJIHARA, 2014, p. 21). Kanner observou comportamentos estranhos e peculiares nessas crianças, incluindo repetição de gestos, atrasos no desenvolvimento da linguagem e dificuldades nas relações interpessoais (SANTOS, 2019).

A tendência ao isolamento e à manutenção da uniformidade eram características comuns observadas em crianças autistas. Os pais relatavam que suas crianças pareciam mais satisfeitas quando sozinhas do que em companhia de outras pessoas. Essas crianças muitas vezes rejeitavam o contato físico direto e demonstravam desconforto com interferências externas (KANNER, 1943 apud SANTOS, 2019).

É essencial compreender as características específicas do autismo, conforme definido por Kanner, que incluem o retraimento autístico, a busca pela imutabilidade, as estereotipias e os distúrbios da linguagem. O retraimento autístico se manifesta quando as crianças autistas parecem não reconhecer objetos e pessoas ao seu redor, agindo como se esses elementos não existissem, demonstrando uma ausência significativa de contato com a realidade. A busca pela imutabilidade envolve a necessidade de manter o ambiente inalterado, com mudanças mínimas causando angústia e até raiva. As estereotipias referem-se a comportamentos repetitivos, como gestos e vocalizações, que parecem proporcionar conforto e excitação. Quanto aos distúrbios da linguagem, eles variam de acordo com a idade e a evolução do transtorno (SANTOS, 2019).

No entanto, o autismo é um transtorno heterogêneo, e as características variam amplamente entre os indivíduos. Curiosamente, a prevalência do autismo é maior em meninos do que em meninas, e muitos autores sugerem uma interação complexa entre fatores genéticos e ambientais como responsáveis pelo desenvolvimento do transtorno (BASTOS CHAVES; OLIVEIRA, 2022).

Uma pesquisa significativa realizada por Bastos Chaves e Oliveira (2022) buscou explorar os possíveis fatores causais e de proteção relacionados à gênese do TEA. Entre os fatores genéticos, ambientais e farmacológicos mencionados, destacam-se poluentes, pesticidas, uso de ácido valproico, talidomida e misoprostol. Além disso, fatores pré-natais, perinatais e neonatais, como epilepsia, obesidade e diabetes gestacional, também foram identificados como potenciais influências no desenvolvimento do TEA.

Essas descobertas estão em consonância com as diretrizes do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que indica que o autismo é um transtorno neurobiológico

resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais. Adicionalmente, o transtorno também ocasiona interferências em certos comportamentos, como a manifestação de padrões nas ações e repetições em sua realização, resultando na manutenção do interesse e da atenção do indivíduo voltados para atividades específicas (APA, 2014; PESSOA; AGUIAR, 2021). De acordo com o DSM-V, o transtorno pode ser categorizado em dois grupos principais: (A) Persistente déficit na interação social e na comunicação em diversos contextos; (B) Padrões restritos e frequentes de comportamento, interesses ou atividades, conforme se observa no quadro a seguir:

Quadro 2 – DSM-V: Grupos do Transtorno do Espectro do Autismo

GRUPO A	GRUPO B
1. Déficit na reciprocidade socioemocional, apresentando variáveis na abordagem social anormal, dificuldade em estabelecer uma conversa regular, redução do compartilhamento de interesses, dificuldades para iniciar ou responder a interações sociais.	1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipadas ou repetitivos, estereotipias motoras simples, alinhar ou girar objetos, ecolalia.
2. Déficit nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variáveis comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou défit na compreensão e uso de gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal	2. Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal e não verbal, sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos

3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variáveis de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares.	3. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco, forte apego a ou preocupação com objetos, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos.
	4. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente, indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento.

Fonte: Guedes; Conti Uvo (2021).

Para realizar um diagnóstico preciso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental uma ampla verificação dos critérios A, B, C, D e E, a fim de descartar diagnósticos incorretos. Nesse contexto, é válido destacar que o critério C engloba a manifestação desses sintomas desde a infância, enquanto o critério D diz respeito à presença de significativas limitações funcionais nas esferas sociais, ocupacionais e outras áreas relevantes do funcionamento. Por fim, o critério E estabelece a condição de que tais sintomas não possam ser melhor explicados por outro transtorno. Essa abordagem metódica desempenha um papel crucial na prevenção de diagnósticos equivocados de TEA. Garante-se, assim, que somente indivíduos que genuinamente atendam aos critérios estabelecidos recebam o diagnóstico desse transtorno. Esse enfoque não apenas aprimora a precisão das avaliações, mas também

assegura uma consistência ao longo do processo de avaliação (GUEDES; CONTI UVO, 2021).

No próximo tópico, exploraremos em detalhes a importância do Diagnóstico Precoce do TEA e as Perspectivas de Tratamento/Intervenção associadas a essa abordagem.

Ao identificar precocemente os sintomas do TEA e entender as possibilidades de tratamento e intervenção, é possível oferecer um suporte mais eficaz e personalizado aos indivíduos afetados e suas famílias. A intervenção precoce não apenas melhora os resultados a longo prazo, mas também contribui para o desenvolvimento geral e a qualidade de vida dos indivíduos com TEA. Portanto, discutiremos como o diagnóstico precoce abre portas para uma série de estratégias terapêuticas e abordagens de apoio que podem fazer uma diferença significativa no manejo do transtorno.

1.2 O Diagnóstico Precoce e as Perspectivas de Tratamento/Intervenção do TEA

Frequentemente, o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) emerge no âmbito das relações familiares, especialmente quando pais notam atributos singulares em seus filhos, geralmente entre os dois e três anos de idade. Geralmente, os médicos de família são os primeiros a estabelecer contato com a criança e sua família. Mudanças substanciais na classificação diagnóstica têm surgido

devido a avanços clínicos, promovidos por profissionais especializados e revisões criteriosas da comunidade científica (DUARTE et al., 2021).

Apesar de mais de seis décadas de pesquisa nas características diagnósticas, há ainda lacunas e divergências no campo. Atualmente, o ritmo de pesquisas proporciona melhores possibilidades para ferramentas diagnósticas (SILLOS et al., 2020). Uma ferramenta amplamente aceita é o DSM-5, que apresenta critérios fundamentais para diagnosticar o autismo, conforme exibido no Quadro 3.

Quadro 3 - Critérios para Diagnóstico do Autismo no Espectro

DSM-V: Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista 299.00 (F84.0)	
Critério	Características
A	Deficiências persistentes na comunicação e interação social: <ol style="list-style-type: none"> 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar às diversas situações sociais.
B	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.
C	Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.
D	Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.
E	Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

Fonte: APA (2014).

Os indícios de autismo a serem observados englobam contato visual atípico, falta de resposta ao nome, ausência de gestos comunicativos, ausência de brincadeiras interativas, falta de sorriso, dificuldades de compartilhamento e falta de interesse por pares. Atrasos em habilidades sociais e linguísticas, bem como regressões nessas áreas, são alertas que demandam avaliação imediata (STEFFEN et al., 2019).

Viana et al. (2020) destacam que a complexidade genética do TEA enfatiza a necessidade de identificar vias e mecanismos moleculares subjacentes. Essa síndrome, altamente intrincada, abrange diversos quadros comportamentais e diagnósticos. As estatísticas epidemiológicas dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) evidenciam um aumento dos diagnósticos de TEA nos EUA. As pesquisas evidenciam um aumento na prevalência do autismo ao longo das décadas, passando de 1/150 crianças em 2000 para 1/36 em 2020, com uma proporção de 3,8 meninos para 1 menina. No Brasil, o autismo foi incluído no censo demográfico de 2020, estimando-se que dois milhões de brasileiros estejam no espectro, o que representa 1% da população (NASCIMENTO et al., 2021).

Com o aumento da prevalência do autismo, o CDC, apoiado pelo programa

Rede de Monitoramento de Deficiências de Autismo e Desenvolvimento (ADDM), tem conduzido estudos para estimar a prevalência do TEA em crianças de oito anos. O diagnóstico clínico do TEA é embasado na observação comportamental, sendo fundamental seguir parâmetros cientificamente aceitos. Atualmente, os profissionais dispõem de dois guias clínicos, o CID e o DSM-5 (APA, 2014).

É relevante considerar que, embora concordantes, os critérios nesses guias têm diferenças legais e descritivas. Enquanto o CID é a nomenclatura oficial no Brasil, o DSM-5 atua como guia descritivo. Essa abordagem conjunta permite uma comunicação eficiente entre profissionais e a obtenção de benefícios legais relacionados ao quadro clínico (MOZEL, 2023).

Na perspectiva das ferramentas de avaliação, há instrumentos padronizados, como o Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) e o Autism Diagnostic Observation Schedule-Generic (ADOS), que são referências para diagnóstico. O Protocolo de Avaliação de Crianças com Suspeita de Transtorno do Espectro Autista (PROTEA-R) é uma ferramenta não verbal desenvolvida no Brasil, e outras ferramentas traduzidas e validadas também são utilizadas (MARQUES; BOSA, 2015).

A intervenção precoce é essencial para o tratamento do TEA, visando o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem comprovada, focando na aprendizagem de várias áreas de sintomas, incluindo a comunicação social e os comportamentos repetitivos. O uso de recursos digitais tem se mostrado promissor, mas é necessário atentar para seus riscos. O trabalho colaborativo de equipes multidisciplinares é crucial para uma intervenção eficaz, assegurando qualidade de vida e autonomia para indivíduos com TEA (ALBERT; SPONCHIADO, 2020).

Com a compreensão da neuroplasticidade, a intervenção precoce ganha destaque, pois os primeiros anos de vida são cruciais para a formação de habilidades cognitivas, sociais e linguísticas. As intervenções comportamentais e naturalistas, bem como recursos digitais, têm um papel fundamental nesse contexto (VIANA; NASCIMENTO, 2021). Diante do crescimento das crianças autistas até a idade adulta, é necessário um suporte contínuo, especialmente com o desenvolvimento de habilidades funcionais. Adultos com TEA podem encontrar significado em tarefas dedicadas,

aproveitando suas características observacionais, repetitivas e de perfeccionismo (MEDEIROS, 2021). Portanto, a abordagem multidisciplinar, a intervenção precoce e a utilização de métodos validados constituem pilares essenciais no diagnóstico e tratamento do TEA, oferecendo um suporte sólido para o desenvolvimento e qualidade de vida de indivíduos no espectro.

1.3 A Importância da Atuação da Equipe Multidisciplinar no Autismo

De acordo com a pesquisa de Romeu e Rossit (2022), intervenções iniciais desempenham um papel fundamental no auxílio ao desenvolvimento da independência, habilidades sociais e comunicação em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A adoção de abordagens colaborativas e o trabalho em equipe são estratégias eficazes para enfrentar os desafios relacionados ao autismo.

Nesse contexto, a colaboração interprofissional desempenha um papel crítico na qualidade dos cuidados oferecidos a essas crianças e na obtenção de resultados educacionais mais positivos. Essa abordagem promove uma comunicação eficaz, compartilhamento de experiências clínicas, planejamento conjunto, avaliação coordenada e execução

de ações alinhadas entre diversos profissionais, o que resulta em intervenções mais eficazes.

A avaliação diagnóstica do TEA é realizada por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais como neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Essa abordagem é destacada como prioritária em relação à avaliação e acompanhamento de indivíduos autistas, conforme observado por Almeida (2021). No mesmo sentido, o trabalho de equipe é fundamental, como indicado por Brasil (2015, p.44), que ressalta a necessidade de uma equipe multidisciplinar presente em diversas situações, desde atendimentos individuais até atividades em grupo, garantindo uma avaliação abrangente do desenvolvimento infantil e contribuindo para o bem-estar das crianças autistas.

As etapas avaliativas comuns incluem anamnese, avaliação fonoaudiológica, avaliação da cognição social, exame físico e avaliação neurológica. Após cada avaliação, ocorre uma reunião da equipe multidisciplinar

para discussão dos resultados e elaboração de um diagnóstico, com base nos critérios do DSM-5 (APA, 2014), como ressalta Almeida (2021). Em seguida, um relatório é produzido, contendo detalhes da avaliação, diagnóstico e orientações familiares, que são discutidas em uma reunião de retorno com a família (devolutiva). A colaboração entre os membros da equipe é evidenciada em todo esse processo, conforme Cóssio, Pereira e Rodrigues (2018) apontam, enfatizando a importância de compartilhar conhecimentos e estratégias interdisciplinares.

Dadas as particularidades do TEA, a abordagem multidisciplinar é essencial para oferecer um cuidado abrangente. Santos e Vieira (2021) ressaltam a importância de uma equipe que esteja alinhada com as abordagens e ideias utilizadas no tratamento. Bacarin (2020) apresenta um modelo (figura 2) que ilustra essa abordagem colaborativa, envolvendo profissionais de diversas áreas no processo de diagnóstico.

Figura 2 – Modelo de Diagnóstico Multidisciplinar



Fonte: Bacarin (2020, p. 62).

Como ilustrado na Figura 3, uma variedade de profissionais de diferentes campos trabalha em conjunto para diagnosticar e intervir no caso de crianças com autismo. Esse trabalho em equipe permite que cada especialista contribua com seus conhecimentos, garantindo a eficácia do tratamento, conforme argumentam Cóssio, Pereira e Rodrigues (2018). A maioria dos cuidados multidisciplinares no Brasil é fornecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com destaque para os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e os Centros de Atendimento Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPSI), como mencionado por Steffen et al. (2019).

Romeu e Rossit (2022) sublinham a importância de cada membro da equipe multidisciplinar compreender seus próprios

papéis e responsabilidades, bem como os dos outros. Essa compreensão aprofundada das funções e políticas contribui para uma melhor colaboração e, conseqüentemente, melhores resultados para os indivíduos autistas e suas famílias. Pereira et al. (2021) destacam o papel crucial dos pediatras e neuropediatras no diagnóstico e tratamento do TEA, uma vez que frequentemente são os primeiros a observar sinais únicos de desenvolvimento nas crianças.

O neuropediatra, por exemplo, é fundamental para diagnosticar e acompanhar o transtorno, especialmente quando há atrasos na fala ou hipersensibilidade ao toque. Isso destaca a importância de uma abordagem multidisciplinar desde os estágios iniciais, como enfatizado por Pereira et al. (2021). O trabalho de fonoaudiólogos, psicólogos,

fisioterapeutas e nutricionistas também é essencial na abordagem multidisciplinar.

O psicólogo, por sua vez, desempenha um papel diversificado, envolvendo pesquisa, psicoterapia, avaliação psicológica e orientação familiar. O foco no desenvolvimento individual e na compreensão das áreas afetadas é crucial, como argumenta Almeida (2021). O papel do fisioterapeuta é ressaltado por Araújo, Lima Júnior e Souza (2022), que destacam a melhora das habilidades motoras e sensoriais das crianças autistas.

Além disso, nutricionistas também desempenham um papel crucial, especialmente no caso de seletividade alimentar, conforme Pereira et al. (2021) ressaltam. A equipe multidisciplinar abrange todo o ciclo de vida da pessoa com TEA, inclusive o ambiente educacional, com destaque para o profissional de psicopedagogia, como observado por Almeida (2021). A intervenção precoce, muitas vezes com a participação dos pais, é crucial para o desenvolvimento positivo das crianças com TEA, como mencionado por Silva et al. (2020).

A importância da equipe multidisciplinar se estende às famílias dos indivíduos autistas. Bonfim et al. (2023) destacam a ansiedade que as famílias enfrentam após o diagnóstico, enfatizando

a necessidade de suporte e orientação. A colaboração interprofissional visa melhorar a qualidade de vida dos autistas e suas famílias, adaptando as intervenções às necessidades individuais, como defendem os autores.

Em suma, a abordagem multidisciplinar é fundamental para o tratamento eficaz do TEA, beneficiando tanto os indivíduos autistas quanto suas famílias. A colaboração entre diferentes profissionais garante uma abordagem abrangente e adaptada às necessidades específicas de cada pessoa.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise em foco abordou diversas publicações que exploraram o impacto do diagnóstico do autismo na dinâmica familiar. Como resultado, foram identificados 117 estudos relevantes sobre esse tópico, obtidos através de pesquisas em bases de dados online e mecanismos de busca. No entanto, após uma avaliação completa dos dados coletados e a aplicação dos critérios estabelecidos, 97 estudos foram descartados, resultando em uma seleção final de 20 estudos que constituem a base desta pesquisa.

Essas obras selecionadas estão apresentadas no Quadro 4 abaixo.

Quadro 4 – Levantamento de estudos de acordo com os critérios de inclusão.

Autor/Referência	Objetivo do estudo	Conclusão do estudo
FREITAS, S. M.; FERREIRA, S. Criança com transtorno do espectro autista: a família no processo diagnóstico. Revista Foco – Interdisciplinary Studies. Curitiba (PR), v. 16, n. 5, e1785, p. 01-15, 2023.	Analisar a família no contexto de diagnóstico de uma criança com o transtorno do espectro autista (TEA).	Notou-se a importância da família no processo diagnóstico, pois ajuda a incluir o filho autista num mundo onde ele não se vê, onde não se encontra e onde acha difícil comunicar-se. Portanto, a superação das limitações poderá ser atingida por meio do ajuste de seus familiares, o que remete não só persistência, mas compreensão das dificuldades que definem o transtorno.
CAPARROZ, J.; SOLDERA, P. E. S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. Open Minds International Journal. vol. 3, n. 1: p. 33-44, Jan, Fev, Mar, Abril/2022.	Abordar o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e os seus impactos na vida familiar.	Famílias que acolhem crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) passam por adaptações em dois aspectos principais: a ajustar-se a uma nova realidade que o transtorno traz ao cotidiano familiar, exigindo estratégias de adaptação, e a compreender a criança de maneira diferente do que originalmente esperado, necessitando reavaliar suas capacidades reais. Para enfrentar essas mudanças, as famílias recorrem à resiliência, buscando reequilíbrio e progresso. Contudo, esse processo pode ser facilitado com o apoio e suporte adequados, focados em fortalecer as habilidades e possibilidades das famílias.
CORREIA, D. S. S.; ALVES, M. F. V.; FERREIRA, G. C. S. Processo diagnóstico do autismo e impacto na dinâmica familiar: uma revisão bibliográfica. Os desafios contemporâneos e interdisciplinares na atualidade. Editora Epitaya, Rio de Janeiro, 2023.	Abordar os diferentes âmbitos que circundam o transtorno do espectro autista, sua construção histórica, presença em manuais de critérios diagnósticos, sintomatologia, ferramentas utilizadas no processo diagnóstico e a dinâmica familiar de uma criança com TEA.	A quantidade de diagnósticos tem aumentado gradativamente desde as primeiras pesquisas realizadas para este fim, devido ao aperfeiçoamento das ferramentas diagnósticas e popularização do tema na sociedade, fazendo com que outros grupos sociais passem a observar padrões comportamentais atípicos e alertem as famílias. Diante a este crescimento de crianças pertencentes ao espectro, faz-se necessário que as famílias tenham o suporte psicológico, a fim de poderem suprir as especificidades do trato a crianças atípicas, promovendo uma vivência igualitária entre pertencentes ou não do espectro.
SOUZA, B. C.; SILVA, J. A. O. O impacto do autismo na família: uma análise da série Atypical. Revista Científic@ Universitas,	Analisar acerca da influência que este diagnóstico pode ter na família e como isso reflete diretamente também na vida	O profissional psicólogo é essencial tanto no momento do diagnóstico quanto ao decorrer da vida, assegurando assim o indivíduo de sua funcionalidade e capacidade de vivenciar os mais diversos desafios impostos pela

Itajubá v.8, n.2, p.53 - 61, 2021.	independente da pessoa com autismo, através de uma pesquisa documental da série Atypical, da Netflix.	sociedade. E para a família como um apoio fundamental.
BRAGA DOS ANJOS, B.; MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. Ciências Psicológicas . janeiro – junho, 15(1) e2347, 2021	realizar uma revisão integrativa de literatura sobre a temática do autismo e da família, visando analisar a produção científica nacional e internacional existente sobre o tema no período de 2013 a 2020.	Os resultados das pesquisas apontam que a família necessita de maior suporte com relação ao casal e aos outros filhos para a superação das dificuldades. Desta forma, é imprescindível tomar a família como campo de intervenção para fortalecer os vínculos familiares, ampliar a rede de apoio e facilitar os processos terapêuticos em torno da pessoa com autismo.
FARIAS, J. V. A. et al. Transtorno do espectro autista infantil e os desafios familiares: revisão integrativa de literatura. Diversitas Journal . v. 8, n. 1, jan./mar. 2023.	Investigar na literatura os desafios encontrados no cotidiano de famílias de crianças com TEA.	Observou-se a partir das literaturas incluídas nesta revisão que o TEA pode afetar significativamente a rotina da família, devido ao aumento das dificuldades e incertezas que a família passa a ter após o diagnóstico. Considerando o impacto que as famílias vivenciam, é preciso que as dificuldades das mesmas sejam trabalhadas através de uma atenção especializada.
MARQUES, V. G. et al. Transtorno do espectro autista: o impacto na dinâmica familiar e as habilidades no cuidado. Revista Eletrônica Acervo Saúde – REAS . v. 13(10), 2021.	Entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no que tange as suas características comportamentais, o impacto disso na dinâmica familiar, além de identificar algumas habilidades no cuidado.	O TEA ainda hoje é muito estigmatizado pela sociedade. Isso, infelizmente, se perpetua, dentre outras razões, por carência de pesquisas com embasamento teórico-científico que possa compreender melhor as suas características, além das próprias ideologias civis, resultando, dentre outros fatores, em comportamentos superprotetores.
RODRIGUES, D. A. et al. Os impactos psicossociais do diagnóstico do autismo no contexto familiar: uma revisão integrativa. GEPNEWS , Maceió, a.4, v.2, n.2, p.66-75, abr./jun. 2020.	Analisar as relações entre autismo e a interação familiar, a fim de conhecer os impactos psicossociais na família decorrentes do diagnóstico do autismo.	Observou-se a partir das literaturas incluídas nesta revisão que a interferência do autismo no contexto familiar decorre do aumento das necessidades e dúvidas que a família passar a conter após o diagnóstico. Tendo em vista o impacto que sofrem, essas famílias precisam que suas necessidades e dificuldades sejam trabalhadas através de uma atenção especializada.

<p>SOUZA, W. A.; DUARTE, R. C. C. Análise dos impactos do diagnóstico do espectro autista no âmbito familiar: desafios e possibilidades. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, e152111435647, 2022.</p>	<p>Analisar o diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA) e os seus impactos na família, bem como a importância do psicólogo neste processo.</p>	<p>Podemos perceber neste estudo, que as consequências para a família são enormes, sendo necessário um processo contínuo de adaptação pósdiagnóstico. Considere-se que a família tem um papel relevante e impactante no diagnóstico do TEA, pois os pais da criança diagnosticada tendem a passar por muitas mudanças e dificuldades durante esse processo, buscando entender os sintomas diferentes que a criança apresenta.</p>
<p>MARTINS, M. V. B. S.; SANTOS, J. K. M.; LIMA, J. A. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar. Research, Society and Development, v. 11, n. 16, e229111638233, 2022.</p>	<p>Analisar o impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar.</p>	<p>Cuidar de crianças com espectro autismo é um grande desafio e uma sobrecarga física e psicológica nos familiares, entretanto, quando o transtorno é diagnosticado e tratado precocemente melhora o desenvolvimento da criança, o vínculo familiar e a interação social, minimizando o sofrimento de todos os familiares.</p>
<p>CUNHA, J. H. S. et al. O significado de ser mãe ou pai de um filho com autismo. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, vol. 6, núm. 1, 2018.</p>	<p>Analisar e descrever o significado de ser mãe ou pai de um filho autista.</p>	<p>Verificou-se que mães e pais apresentaram tendência de superproteção e incertezas em relação ao futuro do filho. Concluiu-se que é um desafio ser mãe ou pai de uma criança autista por exigir total dedicação em prol aos cuidados que o filho necessita</p>
<p>AMARAL FARO, K. C. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. Psico. Porto Alegre, 50 (2): e30080, 2019.</p>	<p>Comparar dois grupos de mães de crianças com autismo (com e sem estresse), quanto à: (a) sobrecarga de cuidado; (b) autonomia da criança; e (c) percepção de suporte familiar.</p>	<p>Os resultados revelaram que, mães com estresse tiveram quase o dobro de percepção de sobrecarga, enquanto as sem estresse perceberam maior suporte familiar, principalmente nos aspectos de afetividade e autonomia em relação aos familiares, como expressão e comunicação de afetos e respeito pela sua liberdade e tomadas de decisões. Nesse sentido, os resultados apontaram a importância do suporte familiar na adaptação de mães de crianças com autismo.</p>

<p>FONTANA, L. B.; PEREIRA, D. S.; RODRIGUES, T. P. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 3, p. 6336-6340 may./jun. 2020.</p>	<p>Analisar como o impacto do transtorno autista afeta as relações familiares.</p>	<p>O momento do diagnóstico de uma doença ou síndrome crônica para a família é permeado por um conjunto de sensações e sentimentos diversos, principalmente quando o paciente remete-se a uma criança. As relações familiares tendem a se alterar, pois cada um de seus membros compõe uma parte crucial de todo sistema familiar e, portanto, se algo significativo acontece, como a notícia de um diagnóstico, a família como um todo terá de alguma forma que adaptar-se. Nesse sentido, aconselhamentos, orientações, apoio social, por meio das instituições de atendimento às crianças, e trabalhos terapêuticos surgem como alternativas de enfrentamento.</p>
<p>PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do</p>	<p>Analisar o impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares</p>	<p>Ao avaliar e identificar um transtorno de comunicação, o encaminhamento desses pacientes, principalmente crianças, levam à confirmação diagnóstica e acompanhamento em centros</p>
<p>Espectro Autista na família e relações familiares. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.8, n.1, p. 5827-5833 jan. 2022.</p>		<p>especializados. A partir do reconhecimento de sentimentos como tristeza, culpa, frustração, depressão e aceitação, a participação ativa dos pais e dos profissionais de saúde capacitados podem elaborar um plano de ação. O tratamento é a longo prazo e a família necessita de orientações sobre o transtorno, apoio psicológico, emocional e financeiro, entre outros.</p>
<p>WEISSHEIMER-KAUFMANN, G. et al. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. Cogitare Enferm. v27:e83876. 2022.</p>	<p>Validar conteúdo e aparência de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista.</p>	<p>O conteúdo sobre as características da criança com autismo, diagnóstico, comportamento e direitos foi considerado válido pelos experts na primeira rodada. As informações sobre os sinais da criança com autismo e futuro foram validadas no segundo round, após reformulações sugeridas pelos experts. Este recurso educacional tem potencial para contribuir na educação em saúde para famílias de criança com autismo.</p>
<p>ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A escuta psicanalítica da família frente ao diagnóstico de autismo da Criança. <i>Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica</i>. (Rio de Janeiro) v. XXIII n.3 setembro/dezembro 2020.</p>	<p>Investigar a escuta da família face ao diagnóstico de autismo da criança.</p>	<p>A escuta do grupo familiar permitiu acessar a função psíquica que o diagnóstico pôde assumir à medida que passou a servir de barreira defensiva ao sofrimento e ao desamparo frente às perdas vivenciadas pela família.</p>

MORAES, A. V. P. M.; BIALER, M. M.; LERNER, R. Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família. Psicol. estud. , v. 26, e48763, 2021.	Discutir, do ponto de vista da ética, alguns impactos que o autismo pode ter nas relações familiares	A reflexão desenvolvida ao longo do artigo leva a pensar sobre como a criança com TEA, com suas singularidades, pode vir a impactar as relações familiares e sobre como a subjetividade da criança afeta a família ao mesmo tempo em que é afetada por ela. Dessa forma, esperamos alargar e aprofundar o horizonte das pesquisas que enfocam este tema e fornecer novos elementos para a escuta e cuidado dos pais e irmãos na clínica do autismo.
MERLLETI, C. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. Psicologia USP . V. 29, n. 1, p. 146-151, 2018.	Analisar alguns desafios enfrentados no trabalho psicanalítico institucional com crianças diagnosticadas autistas, bem como as narrativas recorrentes dos pais sobre o diagnóstico médico e sobre a relação estabelecida com seus filhos.	Narrar, historicizar, subjetivar... a criança autista encontra um lugar no desejo de seus pais. Considerar os discursos das próprias famílias de crianças diagnosticadas com TEA nos permitiu situar o profissional que trabalha em instituição em uma posição fundamental, seja em escolas ou em centros de saúde, de promoção social e de direitos voltadas à infância.
DIAS LEMOS, E. L.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. Psic.: Teor. e Pesq. , Brasília, v. 38, e38312, 2022.	Analisar as concepções de jovens com TEA, suas mães e seus irmãos acerca de suas vivências familiares, por entender que as concepções podem influenciar direta ou indiretamente as interações.	Os resultados evidenciaram que as atividades, a rede de apoio e as concepções descritas pelos participantes funcionam como fatores protetivos, mesmo diante de fatores de risco em seu desenvolvimento. O estudo suscita novas questões de pesquisa e elucida aspectos das vivências familiares importantes para delinear intervenções.
FIGUEIREDO, S. L.; RANGEL, J. M. S.; LIMA, M. N. C. F. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. Revista AMAzônica , Vol XXV, número 2, jul-dez, pág.93-107, 2020.	Mostrar o que dizem as pesquisas sobre o impacto do diagnóstico do TEA na vivência da família.	O diagnóstico do TEA traz várias alterações na rotina da família. O apoio (econômico, social, emocional, psicológico, etc.) é necessário para superar as dificuldades comuns no prognóstico.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

O conteúdo desses 20 estudos foi então submetido a uma análise de frequência de palavras, o que culminou na

criação de uma representação visual das palavras em uma nuvem de palavras (conforme ilustrado na Figura 2),

utilizando a plataforma de processamento de texto online WordArt. Essa ferramenta efetivamente agrupa e visualiza de maneira

gráfica as palavras-chave, destacando aquelas que aparecem com maior frequência.

Figura 3 – Nuvem de Palavras



Fonte: Autora (2023).

Através da Figura 2, é perceptível que as palavras destacadas no núcleo estão alinhadas com as categorias desenvolvidas a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Essas categorias estão fundamentadas na frequência, a qual está relacionada ao referencial teórico adotado. Com o intuito deste estudo, optou-se por detalhar as palavras que mais frequentemente emergiram no texto e que possuem uma relevância significativa para as discussões sociais acerca do impacto do diagnóstico do autismo na dinâmica familiar, como ilustrado na Figura 2. Consequentemente, a análise resultou na identificação de duas categorias distintas, que são apresentadas a seguir, embasadas

na leitura sistemática dos estudos selecionados.

Essas duas categorias englobam uma série de aspectos relevantes relacionados ao impacto do diagnóstico do TEA nas famílias, abordando questões emocionais, adaptação, suporte, resiliência e o papel dos profissionais de saúde. Elas fornecem um ponto de partida sólido para discussões mais aprofundadas sobre as experiências das famílias que convivem com o TEA.

2.1 Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Necessidade de Apoio

Nos dias atuais, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) assume um papel de crescente relevância na área de estudo,

dado o aumento global no número de diagnósticos. Esse distúrbio, relacionado ao neurodesenvolvimento, apresenta uma ampla gama de causas em análise, manifestando-se em diferentes graus de classificação e severidade. Conforme observado por Caparroz e Soldera (2022), o TEA engloba dificuldades sociais, de comunicação e comportamentais, sendo que seus primeiros sintomas emergem frequentemente nos primeiros cinco anos de vida. Comorbidades como epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade frequentemente acompanham os indivíduos afetados. O nível intelectual varia substancialmente entre os casos, abrangendo desde deterioração profunda até altas habilidades cognitivas.

A intervenção precoce, como demonstram diversos estudos científicos, está fortemente correlacionada com a melhoria significativa do funcionamento cognitivo e adaptativo em crianças autistas. Marques et al. (2021) indicam que os primeiros anos de vida são essenciais devido à plasticidade cerebral nesse período, facilitando a modelagem de comportamentos. Identificar os primeiros sinais do autismo, como atraso no desenvolvimento motor, dificuldades emocionais e atencionais, possibilita a intervenção adequada e personalizada.

As implicações do TEA nas esferas sociais, cognitivas e comunicativas são profundas e, em muitos casos, persistentes. Essa condição demanda cuidados intensivos, frequentemente prestados pelos pais ou familiares, o que pode levar a mudanças nos hábitos, nas finanças e nas relações sociais e profissionais. Farias et al. (2023) destacam que essa demanda de cuidados pode resultar em sobrecarga física e mental para os pais e familiares, afetando negativamente a qualidade de vida desse grupo.

O diagnóstico do TEA apresenta um desafio emocional e prático para os pais das crianças afetadas. A reação inicial muitas vezes envolve a busca por confirmação ou negação do diagnóstico, como uma forma de enfrentar o impacto. Essa etapa, conforme observado por Souza e Duarte (2022), pode ser um processo de luto simbólico do "filho perfeito". A convivência com uma criança autista traz à tona preconceitos e demanda a aceitação da realidade, conforme enfatizado por Freitas e Ferreira (2023).

Rodrigues et al. (2019) revelam que as famílias de crianças com TEA compartilham dúvidas e lutos após o diagnóstico, enfrentando desafios no contexto familiar e social. Porém, a criação de uma rede de apoio e compreensão entre familiares pode mitigar esses desafios. A

positividade na percepção das crianças com TEA é um aspecto relevante, com as famílias se adaptando às condições dos filhos e contribuindo para seu tratamento.

Nesse contexto desafiador, a atuação do psicólogo desempenha um papel fundamental no apoio às famílias que enfrentam o diagnóstico do TEA. O psicólogo é um profissional capacitado para compreender não apenas as dimensões clínicas do TEA, mas também as implicações emocionais, sociais e familiares que surgem após o diagnóstico. Sua abordagem visa não somente ajudar a criança autista, mas também oferecer suporte à família como um todo, reconhecendo que o impacto do diagnóstico se estende além do indivíduo diagnosticado.

Primeiramente, o psicólogo nesse contexto desempenha um papel crucial no processo de aceitação e adaptação da família ao diagnóstico do TEA. A notícia do diagnóstico muitas vezes gera um misto de emoções, que podem incluir choque, tristeza, preocupação e até mesmo negação. O psicólogo trabalha para fornecer um espaço seguro onde os pais possam expressar seus sentimentos, compreender suas reações emocionais e encontrar maneiras saudáveis de lidar com o impacto do diagnóstico.

Além disso, o psicólogo auxilia os pais no desenvolvimento de estratégias de manejo e na compreensão das necessidades específicas de seu filho autista. Isso pode envolver fornecer orientações sobre como lidar com comportamentos desafiadores, como promover a comunicação e a interação social, e como apoiar o desenvolvimento emocional da criança. O psicólogo também pode oferecer treinamento aos pais para que possam se tornar mais eficazes no auxílio ao progresso e na qualidade de vida da criança.

A importância da rede de apoio é outra área em que o psicólogo desempenha um papel vital. O psicólogo pode ajudar a família a identificar recursos na comunidade, grupos de apoio e serviços terapêuticos que podem ser benéficos para a criança e para os pais. Além disso, o psicólogo trabalha para fortalecer os laços familiares e promover uma compreensão mais profunda das necessidades individuais de cada membro da família (FREITAS; FERREIRA, 2023).

Ao longo do tempo, o psicólogo acompanha o progresso da criança autista e faz ajustes nas estratégias conforme necessário. Isso envolve avaliar o desenvolvimento da criança, monitorar a eficácia das intervenções e fazer adaptações para atender às mudanças nas

necessidades da criança. Em suma, o papel do psicólogo no apoio a famílias com crianças diagnosticadas com TEA vai além do tratamento clínico. O psicólogo desempenha um papel central na jornada de adaptação e crescimento da família, proporcionando suporte emocional, orientação prática, construção de estratégias de manejo e conexão com recursos na comunidade. A parceria entre os pais, a criança autista e o psicólogo é essencial para promover um ambiente de apoio e desenvolvimento saudável para todos os envolvidos.

2.2 Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA

A notícia de um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em um membro da família pode trazer uma enxurrada de emoções e desafios, mas também é o ponto de partida para uma jornada de adaptação, resiliência e crescimento para toda a família. A forma como as famílias lidam com esse diagnóstico pode moldar significativamente o futuro da criança autista e de toda a dinâmica familiar. As adaptações que as famílias fazem para enfrentar o impacto do TEA são multifacetadas e fundamentais para garantir que a criança tenha o apoio necessário para florescer em um mundo

que muitas vezes pode parecer desconcertante (DIAS LEMOS; SALOMÃO, 2022).

Uma das primeiras adaptações que as famílias frequentemente fazem é reestruturar a rotina diária. Para uma criança autista, a previsibilidade e a consistência são essenciais, o que significa que as famílias muitas vezes precisam criar horários mais estruturados. Isso pode envolver horários fixos para refeições, atividades e momentos de descanso. Essa adaptação, embora possa inicialmente ser desafiadora para a família, ajuda a criança a sentir-se mais segura e confortável em seu ambiente.

Além disso, as expectativas iniciais que os pais podem ter em relação ao desenvolvimento da criança muitas vezes precisam ser ajustadas. A compreensão da criança autista pode diferir significativamente das expectativas convencionais. A comunicação e a interação social podem se manifestar de maneiras únicas, e os marcos de desenvolvimento podem ser atingidos em ritmos diferentes. Essa nova perspectiva muitas vezes exige uma mudança de mentalidade por parte dos pais e dos familiares, que passam a valorizar os progressos da criança de maneira singular, reconhecendo suas conquistas individuais (CAPARROZ; SOLDERA, 2022).

A resiliência das famílias diante das mudanças e incertezas é um dos aspectos mais notáveis nesse processo de adaptação. Lidar com um diagnóstico de TEA pode significar enfrentar barreiras emocionais, educacionais e sociais, mas as famílias muitas vezes se unem para superar esses desafios. A busca pelo equilíbrio é fundamental: equilíbrio entre a dedicação ao desenvolvimento da criança e o autocuidado dos pais, equilíbrio entre as necessidades da criança autista e das outras crianças na família, e equilíbrio entre se adaptar ao diagnóstico e manter a identidade familiar (BRAGA DOS ANJOS; MORAIS, 2021).

O papel das famílias em ajudar a criança autista a se encaixar em um mundo desafiador é de extrema importância. As famílias muitas vezes atuam como defensoras incansáveis, educadoras e aliadas na jornada da criança. Elas desempenham um papel crucial em criar um ambiente de compreensão e aceitação, tanto dentro de casa quanto na sociedade em geral. Isso pode envolver educar familiares e amigos sobre o TEA, promovendo a inclusão e enfrentando o estigma associado ao transtorno

Os ajustes e a compreensão mútua também desempenham um papel central. As famílias aprendem a reconhecer as necessidades específicas da criança autista

e a adaptar suas abordagens de comunicação e interação. À medida que os familiares se ajustam à perspectiva da criança, eles se tornam facilitadores do seu desenvolvimento, estimulando suas habilidades e ajudando-a a superar desafios. Essa abordagem colaborativa fortalece os laços familiares e promove a sensação de pertencimento e apoio (MARQUES et al., 2021).

Diante disso, a adaptação e resiliência das famílias frente ao diagnóstico de TEA são uma jornada complexa e transformadora. Ao reestruturar rotinas, ajustar expectativas, buscar apoio, promover compreensão mútua e celebrar o progresso, as famílias se tornam pilares essenciais para o desenvolvimento saudável e feliz da criança autista. A jornada pode ser desafiadora, mas é também uma oportunidade de crescimento, aprendizado e amor incondicional, que molda não apenas a criança, mas também a força e a unidade da família como um todo.

À medida que a jornada de adaptação avança, as famílias descobrem a importância de buscar recursos e apoio externo. Participar de grupos de apoio, terapia familiar e receber orientação de profissionais especializados em TEA pode fornecer insights valiosos e estratégias práticas para enfrentar os desafios

cotidianos. Esses recursos não apenas capacitam os pais e cuidadores, mas também permitem que a família se conecte com outras que estão passando por experiências semelhantes, criando uma rede de suporte que pode ser inestimável (CORREIA; ALVES; FERREIRA, 2023).

A resiliência das famílias se manifesta de maneira notável na maneira como enfrentam momentos de crise e mudança. Mudanças na rotina, como a transição para a escola ou outras etapas do desenvolvimento, podem ser particularmente desafiadoras para crianças autistas. No entanto, com amor e paciência, as famílias encontram maneiras de preparar a criança para essas mudanças, muitas vezes usando recursos visuais, histórias sociais e comunicação clara. Ao adotar uma abordagem gradual e de apoio, eles ajudam a criança a navegar por transições com mais confiança e tranquilidade (AMARAL FARO et al., 2019.)

A importância de celebrar as vitórias, por menores que sejam, não pode ser subestimada. Cada novo passo na jornada de desenvolvimento da criança autista é motivo de celebração para a família. Do primeiro contato visual significativo ao alcance de marcos comunicativos, cada conquista reforça a convicção de que o esforço e a dedicação da família estão dando frutos. Esses

momentos de alegria não apenas fortalecem o vínculo familiar, mas também inspiram uma perspectiva de esperança, mostrando que, com apoio, a criança pode enfrentar os desafios do TEA e progredir de maneira surpreendente (MORAES; BIALER; LERNER, 2021).

Em resumo, a adaptação e resiliência das famílias frente ao diagnóstico de TEA são uma jornada complexa e transformadora. Ao reestruturar rotinas, ajustar expectativas, buscar apoio, promover compreensão mútua, celebrar o progresso e enfrentar as mudanças com resiliência, as famílias se tornam pilares essenciais para o desenvolvimento saudável e feliz da criança autista. A jornada pode ser desafiadora, mas é também uma oportunidade de crescimento, aprendizado e amor incondicional, que molda não apenas a criança, mas também a força e a unidade da família como um todo.

CONCLUSÃO

Ao longo do presente artigo, evidenciou-se o profundo impacto do autismo na dinâmica familiar por meio de uma abordagem exploratória qualitativa, que se valeu de uma revisão integrativa da literatura. O objetivo primordial consistiu em compreender de que maneira o diagnóstico do Transtorno do Espectro

Autista (TEA) incide sobre a dinâmica familiar, identificando suas necessidades de apoio e avaliando sua capacidade de adaptação e resiliência diante desse cenário.

O autismo, como transtorno complexo abrangendo diversas manifestações e desafios, afeta tanto o indivíduo diagnosticado quanto os que o cercam. As categorias fundamentais emergentes desta análise foram: o Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Correspondente Necessidade de Apoio, bem como a Capacidade de Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA.

Na primeira categoria, constatou-se que o diagnóstico do TEA pode abalar a estrutura familiar, desencadeando sentimentos de choque, confusão, estresse e, em alguns casos, até mesmo luto. A incerteza quanto ao futuro e a necessidade de se adaptar a novas demandas podem representar desafios significativos para os pais e irmãos. Além disso, a pesquisa identificou a necessidade crucial de oferecer suporte tanto para o indivíduo diagnosticado quanto para os membros da família, visando facilitar a compreensão do transtorno, a obtenção de recursos apropriados e a busca por intervenções adequadas.

Na segunda categoria, a análise explorou a notável capacidade de adaptação e resiliência que muitas famílias demonstram após o diagnóstico do TEA. Em muitos casos, as famílias desenvolvem estratégias criativas para enfrentar as dificuldades cotidianas, buscando promover o bem-estar do indivíduo autista e de todos os membros da unidade familiar. A resiliência exibida nesse contexto é um testemunho da força interior das famílias diante dos desafios impostos pelo autismo.

Diante dos resultados obtidos, destaca-se a relevância da atuação do psicólogo na dinâmica familiar afetada pelo autismo. O papel desempenhado por esses profissionais torna-se essencial para fornecer suporte emocional, informações precisas e estratégias de enfrentamento às famílias, criando um ambiente de compreensão e respeito mútuo. Além disso, os resultados apontam para a necessidade contínua de conduzir estudos mais aprofundados, com o intuito de ampliar a compreensão do impacto do diagnóstico do autismo na dinâmica familiar, levando em consideração variáveis como diferenças culturais, faixas etárias e contextos socioeconômicos distintos.

Em síntese, o estudo em questão proporcionou uma visão abrangente dos desafios e das capacidades das famílias que convivem com o autismo. Ao compreender

as complexas interações entre o transtorno e a dinâmica familiar, é possível oferecer suporte mais eficaz e desenvolver estratégias que promovam a qualidade de vida de todos os envolvidos. O campo de investigação ainda tem muito a explorar, e espera-se que este trabalho estimule futuras pesquisas e intervenções sensíveis às necessidades das famílias afetadas pelo TEA.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, G.; SPONCHIADO, D. A. M. Autismo: concepções de profissionais de diferentes áreas sobre a intervenção precoce. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 44, n. 168, p. 35-47, dezembro/2020.

ALMEIDA, F. A. **Autismo**: avanços e desafios. Guarujá, SP: Científica Digital. 2021. ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A escuta psicanalítica da família frente ao diagnóstico de autismo da Criança. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. (Rio de Janeiro) v. XXIII n.3 setembro/dezembro 2020.

AMARAL FARO, K. C. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**. Porto Alegre, 50 (2): e30080, 2019. APA. AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM – V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, H. S.; LIMA JÚNIOR, U. M.; SOUZA, M. N. A. Atuação multiprofissional no manejo do transtorno

do espectro autista. **Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 3, mai./jun. 2022.

BACARIN, L. M. B. P. **Transtorno do espectro autista**. Curitiba: Contentus, 2020. BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I.; DAINEZ, D. **O garoto selvagem e o dr. Jean Itard**: história e diálogos contemporâneos. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS CHAVES, G. A.; OLIVEIRA, R. C. Evidências acerca das causas da gênese do transtorno do espectro autista (TEA). In: FIGUEIREDO, B. Q. **Coletânea de trabalhos acadêmicos do Grupo Estudantil de Ensino, Pesquisa e Iniciação Científica (GEEPIC) do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)**. Minas Gerais: Ampla Editora, 2022.

BRAGA DOS ANJOS, B.; MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciências Psicológicas**. janeiro – junho, 15(1) e-2347, 2021.

BONFIM, T. A. et al. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 31:e3781, 2023.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema**

Único de Saúde. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015.

CAPARROZ, J.; SOLDERA, P. E. S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal.** vol. 3, n. 1: p. 33-44, Jan, Fev, Mar, Abril/2022.

CORDEIRO, A. F. M.; ANTUNES, M. A. M. A ação pedagógica de Itard na educação de Victor, o "selvagem de Aveyron": contribuição à história da psicologia. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.,** São Paulo, v. 40, n. 99, p. 296-306, dez. 2020.

CORREIA, D. S. S.; ALVES, M. F. V.; FERREIRA, G. C. S. Processo diagnóstico do autismo e impacto na dinâmica familiar: uma revisão bibliográfica. **Os desafios contemporâneos e interdisciplinares na atualidade.** Editora Epitaya, Rio de Janeiro, 2023.

COSSIO, A. P.; PEREIRA, A. P. S.; RODRIGUES, R. C. Benefícios da Intervenção Precoce para a Família de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Educação Especial,** vol. 31, núm. 60, enero-Marzo, pp. 9-20, 2018.

CUNHA, J. H. S. et al. O significado de ser mãe ou pai de um filho com autismo. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social,** vol. 6, núm. 1, 2018.

DIAS LEMOS, E. L.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. **Psic.: Teor. e Pesq.,** Brasília, v. 38, e38312, 2022.

DUARTE, V. E. S. et al. O que a sociedade precisa saber sobre o transtorno do espectro autista. **Revista Projetos Extensionistas,** v.1, n. 2, p. 173-183, jul./dez. 2021.

FARIAS, J. V. A. et al. Transtorno do espectro autista infantil e os desafios familiares: revisão integrativa de literatura. **Diversitas Journal.** v. 8, n. 1, jan./mar. 2023. FERRARI, F. **Autismo infantil: o que é e como tratar?** São Paulo: Paulinas, 2012.

FIGUEIREDO, S. L.; RANGEL, J. M. S.; LIMA, M. N. C. F. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. **Revista AMAzônica,** Vol XXV, número 2, jul-dez, pág.93-107, 2020.

FONTANA, L. B. PEREIRA, D. S.; RODRIGUES, T. P. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. **Braz. J. Hea. Rev.,** Curitiba, v. 3, n. 3, p. 6336-6340 may./jun. 2020.

FREIRE, S. A. A inclusão da Educação Especial e sua história. **Instituto Itard – Cursos de Educação Especial.** 2017. Disponível em: <https://institutoitard.com.br/a-inclusao-daeducacao-especial-e-suahistoria/#:~:text=Ele%20ficou%20conhecido%20por%20ter,%2C%20E2%80%9Co%20menino%20selvagem%20%9D>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FREITAS, S. M.; FERREIRA, S. Criança com transtorno do espectro autista: a família no processo diagnóstico. **Revista Foco – Interdisciplinary Studies.** Curitiba (PR), v. 16, n. 5, e1785, p. 01-15, 2023.

GUEDES, C. M. G. CONTI UVO, M. F. A importância da intervenção precoce no TEA: revisão sistemática da literatura. **Anais Eletrônico XII EPCC** – Encontro Internacional de Produção científica da Unicesumar, 19 a 21 de outubro de 2021.

KAJIHARA, O. T. 1943-2013: Setenta anos de pesquisa sobre o autismo. In: MORI, N.

N. R.; CEREZUELA, C. (Orgs.). **Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais.** Maringá, PR: Eduem, 2014.

MARQUES, V. G. et al. Transtorno do espectro autista: o impacto na dinâmica familiar e as habilidades no cuidado. **Revista Eletrônica Acervo Saúde – REAS.** v. 13(10), 2021.

MARQUES, D. F.; BOSA, C. A. Protocolo de avaliação de crianças com autismo: Evidências de validade de critério. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 31(1), 43-51, 2015. MARTINS, M. V. B. S.; SANTOS, J. K. M.; LIMA, J. A. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, e229111638233, 2022.

MERLLETI, C. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. **Psicologia USP.** V. 29, n. 1, p. 146-151, 2018.

MEDEIROS, D. S. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo:

uma revisão de literatura. **Estudos IAT**, Salvador, v.6, n.1, p. 63-83, jun., 2021.

MORAES, A. V. P. M.; BIALER, M. M.; LERNER, R. Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família. **Psicol. estud.**, v. 26, e48763, 2021. MOZEL, A. Autismo. **RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia.** v.4, n.1, 2023.

NASCIMENTO, A. C. et al. **Intervenção precoce em crianças com suspeita ou diagnóstico de autismo: uma revisão integrativa.** 2021, 24 f. Orientador: Acrísio Gonçalves. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). UMA – Guajajaras, 2021.

ORRÚ, S. E. **Autismo, Linguagem e Educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak Ed, 2012.

PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.1, p. 5827-5833 jan. 2022.

PEREIRA, A. B. et al. Atuação da equipe multidisciplinar no tratamento do TEA e a importância da intervenção nutricional. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.9, p. 94448-94462 sep. 2021.

PESSOA, E. M.; AGUIAR, K. G. M. Práticas interventivas do psicólogo escolar na escolarização de crianças com autismo: uma revisão de literatura. **Id on Line Rev.**

Mult. Psic. V.15, N. 56, p. 467-481, julho/2021.

RODRIGUES, D. A. et al. Os impactos psicossociais do diagnóstico do autismo no contexto familiar: uma revisão integrativa. **GEPNEWS**, Maceió, a.4, v.2, n.2, p.66-75, abr./jun. 2020.

ROMEU, C. A.; ROSSIT, R. A. S. Trabalho em equipe interprofissional no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Corumbá, v.28, e0114, p.639-641, jan. Dez., 2022.

SANTOS, S. A. **Transtornos globais do desenvolvimento**. Curitiba: Intersaberes, 2019. (Série Pressupostos da Educação Especial).

SANTOS, M. F. R.; VIEIRA, F. A. S. Transtorno do espectro autista: Significativas contribuições da intervenção precoce multidisciplinar. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.9, p. 89539-89554 sep. 2021.

SILLOS, I. R. et al. A importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão de literatura. **Atenas Higeia**, vol.2, nº 1, jan., 2020.

SILVA, C. O. et al. Benefícios no uso de intervenção precoce em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão integrativa **Research, Society and Development**, 9(7):1-8, e256972474, 2020.

SOUZA, W. A.; DUARTE, R. C. C. Análise dos impactos do diagnóstico do

espectro autista no âmbito familiar: desafios e possibilidades. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, e152111435647, 2022.

SOUZA, A. G.; RUELA, G. A. O autismo infantil e a inclusão social na educação: revisão histórica e sistêmica atual. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 19, 24 de maio de 2022.

SOUZA, B. C.; SILVA, J. A. O. O impacto do autismo na família: uma análise da série Atypical. **Revista Científic@ Universitas**, Itajubá v.8, n.2, p.53 - 61, 2021.

STEFFEN, B. F. et al. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **RSM – Revista Saúde Multidisciplinar**, 2; 6ª Ed., 2019.

VIANA, K. O. F. L.; NASCIMENTO, S. S. Efeitos da intervenção precoce no desenvolvimento de uma criança com TEA: interface entre neurociências e educação. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**. v.11, n.30, p.38-50, março/2021.

WEISSHEIMER- KAUFMANN, G. et al. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. **Cogitare Enferm.** V.27:e 83876. 2022.